

A escuta sensível em um banco de leite humano: contribuições da experiência em um projeto de extensão para a formação acadêmica

Sensitive listening in a human milk bank: contributions of the experience in an extension project to the academic education

Isabela Fregonesi Figueiredo¹
Juliana dos Santos Vitalli²
Juçara Clemens³

RESUMO

No projeto de extensão “Aspectos emocionais da amamentação: abordagem psicoeducativa das mães e acompanhantes usuários do BLH do HC-UFU”, as extensionistas têm a oportunidade de ofertar escuta às mães e aos familiares que chegam ao Banco de Leite Humano (BLH) do Hospital de Clínicas da Universidade Federal de Uberlândia em busca de orientações acerca da amamentação. Tendo em vista o desenvolvimento do trabalho realizado no projeto, o presente relato de experiência tem como objetivo apresentar as atividades, os resultados e os aprendizados obtidos pelas extensionistas, além de dispor de uma reflexão acerca da riqueza de conhecimentos que sustentam e extrapolam as práticas da extensão. Os resultados apontam em direção ao uso refinado de recursos de escuta, em uma prática extensiva, para o estabelecimento de uma escuta sensível – em especial, no acolhimento de diferentes afetos que emergem em um campo do contexto hospitalar, que perpassam pelo imaginário social da maternidade –, além das contribuições para a formação acadêmica das discentes. Conclui-se que a ação se provou profícua no sentido de promover trocas entre a comunidade e a equipe técnica do local, oferecendo às extensionistas a oportunidade de enriquecerem os próprios conhecimentos, os recursos técnicos e a postura profissional e ética.

Palavras-chave: Escuta sensível. Psicanálise. Formação discente. Cuidados parentais. Psicologia hospitalar.

ABSTRACT

In the extension project “Emotional aspects of breastfeeding: psycho-educational approach to mothers and companions using the HC-UFU HMB”, the extension workers have the opportunity to listen to mothers and family members who come to the Human Milk Bank (HMB) of the Hospital de Clínicas of the Federal University of Uberlândia seeking guidance on breastfeeding. In view of the work carried out in the project, this experience report aims to present the activities, results, and lessons learned by the extension workers, as well as reflecting on the wealth of knowledge that underpins and goes beyond extension practices.

¹ Graduanda em Psicologia na Universidade Federal de Uberlândia, Minas Gerais, Brasil / Undergraduate degree student in Psychology, Federal University of Uberlândia, State of Minas Gerais, Brazil (belafig3@gmail.com).

² Graduanda em Psicologia na Universidade Federal de Uberlândia, Minas Gerais, Brasil / Undergraduate degree student in Psychology, Federal University of Uberlândia, State of Minas Gerais, Brazil (jusvitalli@gmail.com).

³ Doutora em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil; estágio pós-doutoral em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas, São Paulo, Brasil; professora adjunta da Universidade Federal de Uberlândia, Minas Gerais, Brasil / PhD in Psychology, Federal University of Santa Catarina, State of Santa Catarina, Brazil; post-doctoral internship in Psychology, Pontifical Catholic University of Campinas, State of São Paulo, Brazil; associate professor at the Federal University of Uberlândia, State of Minas Gerais, Brazil (juclemens09@gmail.com).

The results point towards the refined use of listening resources, in an extensive practice, for the establishment of sensitive listening – especially in the reception of different affections that emerge in a hospital context, which permeate the social imaginary of motherhood –, as well as the contributions to the students' academic training. The conclusion is that the action proved to be fruitful in terms of promoting exchanges between the community and the local technical team, offering the extension workers the opportunity to enrich their own knowledge, technical resources, and professional and ethical attitude.

Keywords: Sensitive listening. Psychoanalysis. Student training. Parental care. Hospital psychology.

INTRODUÇÃO

As ações de extensão colocam-se como um dos três pilares da formação universitária, ao lado do ensino e da pesquisa. Nesse sentido, possuem o objetivo de estimular a troca frutífera de saberes entre o campo acadêmico e a comunidade, de modo a proporcionar, dentre outros, a ampliação do conhecimento de uso profissional e o desenvolvimento de uma postura ética ao apropriar-se e transmitir os saberes adquiridos (Santos; Rocha; Passaglio, 2016). Assim, o projeto de extensão “Aspectos emocionais da amamentação: abordagem psicoeducativa das mães e acompanhantes usuários do BLH do HC-UFU”, em vigência desde 2019, almeja oferecer uma escuta sensível⁴ ao público de interesse do Banco de Leite Humano (BLH) do Hospital das Clínicas da Universidade Federal de Uberlândia (HC-UFU), Minas Gerais, Brasil.

A ação debruça-se sobre o campo do materno, por meio da perspectiva psicanalítica, incitando trocas, de modo a construir encontros frutíferos entre as discentes e o público do projeto. Por isso, o interesse das extensionistas foi despertado ao instigá-las pela complexidade das temáticas levantadas, que constituíam o cotidiano contemporâneo de modo premente; buscando, assim, por experiências práticas durante a graduação na universidade, ao mesmo tempo em que favoreciam os benefícios e as trocas com a comunidade. Essa iniciativa não apenas enriquece a formação acadêmica, como se alinha à importância da extensão na universidade, o que faz promover a integração do conhecimento teórico com a aplicação prática, contribuindo para o desenvolvimento tanto dos estudantes quanto da comunidade em

⁴ Por escuta sensível entendemos a disponibilidade das extensionistas em acolher as expressões verbais, mas também as expressões não verbais (por exemplo: olhares, gestos, toques, posturas, distâncias entre as pessoas) e paraverbais (por exemplo: tom e altura da voz, velocidade da fala, suspiros, risos) nas manifestações das pessoas com as quais interagiram. Assim como, inspiradas pela técnica psicanalítica, favorecer para que as pessoas falassem livremente acerca das próprias vivências, escutando-as de modo a não direcionar e nem se deter em algum ponto específico do que fosse compartilhado.

que estão inseridos (Gadotti, 2017; Santos; Rocha; Passaglio, 2016).

O local de ação de extensão ocorreu no espaço destinado ao BLH no HC-UFU – inicialmente, um local diminuto nos corredores do hospital, suscetível à interferência dos passantes, uma vez que o BLH propriamente dito passava por uma reforma. Reformado, ele foi realocado para um ambiente mais reservado e espaçoso nos arredores do HC-UFU. Nesse espaço, as extensionistas dividiam-se em diferentes turnos de quatro horas ao longo da semana, na sala de espera, a fim de otimizar e ampliar a qualidade do trabalho oferecido.

O projeto de extensão teve como público de interesse as pessoas que solicitavam os serviços do BLH do HC-UFU, sendo elas: doadoras de leite humano para bebês na Unidade de Terapia Intensiva Neonatal (UTIN), com as quais não houve trocas relacionadas ao projeto; mulheres cujos bebês não estavam na UTIN e que procuravam assistência por dificuldades na amamentação; e mulheres cujos bebês estavam na UTIN, que poderiam ou não estar amamentando (essas últimas, por vezes, encontram dificuldades em estimular a produção de leite humano); além dos pais dos bebês e dos acompanhantes dos familiares.

As abordagens realizadas tinham enfoque em uma escuta sensível das mães e acompanhantes – inspirada no método de escuta psicanalítico, pautado nas técnicas de associação livre e atenção flutuante –, sem um direcionamento ao enfoque clínico. Mediante aproximação, observação, diálogo e orientação, buscava-se proporcionar um ambiente acolhedor para o compartilhamento de vivências, caso a pessoa se sentisse confortável em fazê-lo. Se fosse necessário o esclarecimento de dúvidas acerca de aspectos psicológicos do puerpério e/ou da amamentação, como um meio de promoção de saber, as extensionistas ofereciam informações e materiais educativos com o intuito de desmistificar informações idealizadas da maternidade⁵, as quais podem levar ao sofrimento psíquico.

As informações e os materiais informativos abordaram vários aspectos da maternidade, desde o vínculo mãe-bebê até as questões específicas como a amamentação, adaptando-se às diferentes situações das mães na UTIN e dos acompanhantes delas. Não obstante esses aspectos sejam identificados como recorrentes, cada interação foi única, sem recorrer a um roteiro ou a uma diretriz predefinida, o que conferia direcionamentos diversos a cada encontro.

Esse projeto de extensão sustentou-se na teoria psicanalítica. Nesse sentido, um de seus conceitos estudados é o de preocupação materna primária, que descreve o estado de

⁵ Badinter (1985) questiona o chamado instinto materno e apresenta que o amor é contingencial e não garantido por uma natureza feminina, bem como afirma que “as ideologias associadas a esse afeto foram meticulosamente construídas” (Badinter, 1985, p. 47).

sensibilidade aumentada vivenciado pela figura cuidadora primária – geralmente, a mãe – durante as últimas semanas de gestação e nas semanas iniciais após o nascimento da criança (Winnicott, 2021). Atualmente, ao considerar as multiplicidades do cuidar na contemporaneidade, esse conceito tem sido ampliado para preocupação parental primária (Campana; Santos; Gomes, 2019), englobando todas as figuras que desempenham o cuidado primário do bebê em suas funções constituintes da subjetividade (Iaconelli, 2023), de modo a ampliar a responsabilidade do cuidar para além das mães. Ao partir desse conceito, foram abordadas as complexidades do cuidado sob a égide do termo figuras cuidadoras, embora frequentemente seja utilizado o termo mãe ou mulher, devido ao público da ação de extensão ser predominantemente formado por mulheres.

A sensibilidade ampliada das figuras cuidadoras permite que elas identifiquem as necessidades do bebê, como fome ou sono, o que demonstra uma ligação íntima desenvolvida naturalmente, não por instinto ou conhecimentos racionais, mas por intermédio do cuidado dedicado e da relação que estabelecem com o bebê (Winnicott, 1975). A adaptação de cuidados diminui de forma progressiva à medida que a capacidade do bebê de lidar com situações desafiadoras e de tolerar a frustração se desenvolve.

Diante disso, Aiello-Vaisberg e Tachibana (2008) falam de um “ambiente hospitalar suficientemente bom” que, além de fornecer amparo instrumental e tecnológico para o bebê e para a família dele, possa considerar os recursos humanos disponíveis para além da racionalidade e burocracia dos atendimentos. Um serviço com suporte humanizado escuta atentamente às necessidades das famílias que dele precisam e que estão em contextos delicados – por intercorrências no puerpério ou por dificuldades com a amamentação –, ascendendo na comunidade como espaço que sustenta e cuida das demandas afetivas socialmente trazidas.

Complementar a esse ambiente, Winnicott (1999) afirma que as informações dadas pela equipe de profissionais da saúde acerca da amamentação (como, quando e onde amamentar, por exemplo) surtem efeito positivo apenas quando fazem sentido na realidade daqueles cuidadores. Portanto, o conhecimento do profissional deve ser oferecido como um auxílio, não como uma imposição, para, dessa forma, evitar o ofuscamento do conhecimento da vida em favor do conhecimento científico, que não é o único saber digno de atenção. Entende-se que os conteúdos teóricos aprendidos na universidade podem, por vezes, distanciar-se daquilo que advém da vida propriamente dita e de cada pessoa em seu contexto. Assim, a escuta das vivências favorecidas pelo presente projeto ampliou a compreensão de tais conceitos.

Logo, ao abordar o cuidado da população de maneira integrativa e proporcionar aos estudantes conhecimentos práticos, além de ampliar os conceituais e acadêmicos, a ação de extensão fez-se presente diante das circunstâncias desafiadoras apresentadas em um campo localizado no ambiente hospitalar, oferecendo uma escuta sensível, bem como suporte psicoeducativo e emocional, quando necessário aos que procuravam o BLH em busca de orientações e apoio relacionados à amamentação. O presente artigo tem por objetivo relatar as experiências em um projeto de extensão universitária desenvolvido em um BLH, nas quais a escuta sensível foi utilizada na abordagem de mães, pais e acompanhantes.

MÉTODO

A ação de extensão foi cadastrada no Sistema de Informação de Extensão (SIEX) e aprovada pela Coordenação de Extensão do Instituto de Psicologia (COEXTIPUFU) e pela Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (PROEXC) por meio do registro 26809. As atividades ocorreram entre 26 de setembro de 2022 e 3 de fevereiro de 2023, com uma carga horária de 12h/semanais, divididas entre: 4h de abordagens às pessoas que buscavam atendimento e orientação acerca do aleitamento humano no BLH; 3h de orientação das atividades pela coordenadora do projeto, realizadas em grupo; 2h para leitura de textos indicados; e 3h para relato das abordagens realizadas.

O projeto teve como objetivo geral escutar as mães, os familiares e os acompanhantes acerca das vivências sobre aleitamento humano, e informar a respeito dos aspectos psicológicos presentes no puerpério e na amamentação. Como objetivos específicos: a) informar sobre a sensibilidade ampliada que pode se manifestar na puérpera que amamenta; b) exemplificar manifestações dessa sensibilidade ampliada no cotidiano da mulher que amamenta; c) relacionar a importância dos aspectos psicológicos maternos para a amamentação e para os cuidados necessários ao bebê. Para alcançar tais objetivos, as extensionistas fizeram uso de uma abordagem psicoeducativa.

Foi compreendido que a abordagem psicoeducativa possibilitou a escuta da vivência de cada pessoa. As extensionistas mantinham-se disponíveis para repassar, por meio de diálogos informais, o conhecimento adquirido por meio das leituras e das trocas com o público, visando responder dúvidas e questionamentos que estivessem ao alcance dos saberes delas. Assim, a escuta e as ações psicoeducativas não se configuraram como uma prática clínica, pois não se pautavam em uma demanda de atendimento por parte do público que buscava os serviços oferecidos no BLH. Em vez disso, as extensionistas aguardavam na sala

de espera a ocasião propícia para convidar as pessoas a compartilharem com elas as vivências sobre aleitamento.

Embora não sendo uma prática clínica, as extensionistas beneficiaram-se da teoria e da técnica de inspiração psicanalítica antes, durante e depois de cada encontro com as pessoas abordadas. O convite à fala não direcionava o que poderia ser compartilhado e/ou pudesse satisfazer a curiosidade de quem oferecia a escuta. Inicialmente, apenas um estímulo amplo de compartilhamento de vivência com o aleitamento era feito. A partir disso, cada pessoa escolhia o que gostaria de compartilhar com a extensionista. Caso fosse necessário algum esclarecimento acerca dos aspectos psicológicos presentes no puerpério e na amamentação, ele poderia ser oferecido. A escuta das extensionistas sustentava-se de maneira flutuante, voltada ao discurso latente que poderia ser manifestado nas repetições, nos tropeços da fala, nos silêncios e nas angústias (Herrmann, 2015). Cada extensionista tinha um dia e turno de quatro horas para realizar suas abordagens. Ao final de cada turno, as extensionistas redigiam relatos narrativos em primeira pessoa descrevendo os encontros realizados, incluindo observações, orientações prestadas na sala de espera, além de reflexões contratransferenciais⁶ acerca dessas experiências.

No sentido de proporcionar um espaço de transmissão e reflexão acerca da prática, foram realizadas orientações semanais, em grupo, pela coordenadora do projeto de extensão. Nelas, cada integrante relatava os aspectos mais memoráveis das abordagens que realizou, bem como os afetos suscitados e as dúvidas quanto aos manejos da escuta, relacionando o material aos aspectos teóricos e técnicos psicanalíticos, os quais subsidiaram a compreensão de cada caso. No grupo de extensionistas havia discentes de graduação em Psicologia, entre o 4º e o 7º período. Da diferença no repertório prévio emergiram diversos discursos, que iam se somando a cada encontro, fazendo com que cada discente se descobrisse enquanto extensionista a partir da interação com as outras.

Em relação às mulheres, familiares e acompanhantes, a abordagem psicoeducativa foi se modificando ao longo do período da ação extensionista. A cada novo encontro entre o público e as extensionistas, a escuta foi ganhando um tempo maior em relação às informações

⁶ Contratransferência é um conceito da técnica psicanalítica. “O fenômeno da contratransferência está intimamente ligado ao de transferência” (Zimerman, 1999, p. 347). Ademais, “a contratransferência representa a ‘totalidade’ dos sentimentos do analista como uma ‘resposta emocional’ ao paciente” (Zimerman, 1999, p. 349). Por fim, citando Racker, “a contratransferência consiste numa conjugação de imagens, sentimentos e impulsos do terapeuta durante a sessão” (Zimerman, 1999, p. 349). Os fenômenos da transferência e da contratransferência não acontecem apenas num ambiente clássico de análise, mas apenas a psicanálise utiliza esses fenômenos para compreensão dos afetos produzidos nos encontros humanos.

acerca dos aspectos psicológicos possíveis de se manifestarem na mulher em puerpério. Estes não se tornaram menos importantes, no entanto, a escuta sensível oferecida pelas extensionistas é que foi sendo cada vez mais solicitada nos encontros com as pessoas abordadas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As duas extensionistas abordaram 51 pessoas no período da ação de extensão: 37 mães, 10 pais, 3 avós e 1 amiga da mãe. Neste relato são apresentados os resultados e a discussão das abordagens realizadas com pessoas cujos bebês estavam na UTI Neonatal: 17 mães, 4 pais e 1 amiga da mãe. A escolha pelo grupo com essa especificação se deu por entender-se a escuta sensível como uma prioridade para essas pessoas devido às solicitações emocionais que vivenciavam e porque esse grupo exigiu uma disponibilidade mais ampla de recursos das extensionistas.

As pessoas abordadas informaram diferentes aspectos pelos quais o bebê foi hospitalizado na UTI Neonatal. Complicações na gravidez, no parto e nas condições clínicas do bebê (baixo peso, anóxia neonatal, distúrbios respiratórios), também apontados por Naidon *et al.* (2018), foram alguns dos aspectos mais expressados para a internação hospitalar na UTIN. No entanto, há múltiplos fatores para a prematuridade dos bebês, tais como os citados por Carvalho e Pereira (2017), relacionados às precárias condições de moradia, nutrição e saúde, uso de drogas, baixa escolaridade, entre outros, mas não são relacionados de imediato nas falas. As pessoas abordadas expressaram efeitos muito parecidos e comuns, tal como o impacto da notícia, a dificuldade de aceitação da realidade, as mudanças na vida familiar, laboral e de rotina, e a intensidade dos afetos. Por meio do que se denomina escuta sensível, foi possível oferecer uma via segura, ética e respeitável para que as intensidades afetivas pudessem, gradativamente, ganhar sentidos e novas vias de compreensão a essas pessoas.

Em relação à ética, destacou-se a importância de cultivar um posicionamento curioso, mas respeitoso – um equilíbrio delicado. Assim, uma escuta sensível inspirada nos preceitos psicanalíticos se fez presente durante todo o projeto. Permeada pelo inconsciente e capturada nos encontros com cada pessoa (Herrmann, 2015), a escuta vai além do que é dito, manifestando-se por meio de expressões, gestos, posturas, tons de voz e tropeços da fala. Desse modo, as extensionistas, ao se depararem com os diferentes modos de manifestações psíquicas, abriram-se para não antecipar o que dizer a cada pessoa, mas

aguardar o desenrolar dos acontecimentos em cada encontro.

A extensão proporcionou a aquisição de aprendizagens distintas, de maneira a destacar a habilidade de lidar com situações de angústia e momentos de silêncio que surgiram no contato com o público cujos bebês estavam na UTIN. As mulheres, grupo que mais teve pessoas abordadas, mostraram-se inundadas de sensações as quais, na maioria, não conseguiam colocar em palavras. As falas eram breves e curtas, bem como interrompidas por longos silêncios, e a angústia perpassava o modo como elas se apresentavam e se fazia sentir também nas extensionistas. As primeiras abordagens com essas mulheres foram muito incômodas às extensionistas. Somente por meio das trocas, no grupo semanal de orientação, é que tais fenômenos puderam ser compreendidos e assimilados como uma possibilidade de essas mães, principalmente, mas também avós e amiga expressarem as intensidades das próprias vivências.

Esse aprendizado refletiu um comprometimento com a empatia, a sensibilidade e a compreensão das necessidades individuais de cada pessoa abordada, processo que se revelou essencial para o desenvolvimento de aspectos fundamentais para o futuro profissional das extensionistas, aliados à postura ética, esta, caracterizada pelo respeito incondicional aos indivíduos envolvidos, bem como pela necessária introspecção para despir-se de preconceitos preexistentes em suas escutas. Cada mulher abordada tinha o próprio modo de viver o puerpério, bem como a relação que estava construindo com o bebê. Escutá-las, para além de orientá-las, abriu possibilidades para que cada uma dessas mulheres fosse respeitada nos processos de cuidar e maternar.

A entrada e a permanência de mães, pais e bebês por um período definido no BLH, tal como a busca por orientação acerca do aleitamento humano produzem até, muitas vezes, alívio nas pessoas abordadas. Elas iam em busca de orientação e assim a obtinham, saindo de um modo diferente e melhor do que entraram. Já a permanência indefinida no hospital, devido à internação do bebê, criou condições instáveis na vida dos cuidadores e propiciou o surgimento de expressão de diferentes afetos nas pessoas abordadas. Afetos estes que apresentaram descargas emocionais com grande energia e impacto, principalmente, aquelas advindas das vivências de acompanhar um bebê na UTIN. Além de aguardarem pela alta de seus bebês, as mulheres podiam também estar internadas por complicações na gravidez, no parto e outros motivos. Sendo assim, as emoções se manifestaram de forma complexa nas mulheres abordadas: tristeza, cansaço, esperança, sofrimento, frustração, angústia e impotência. As práticas extensionistas corroboraram com as emoções acima citadas, em diálogo com Carvalho e Pereira (2017), e Moretto (2017), que destaca a importância de as

emoções serem nomeadas e elaboradas nesse espaço-ambiente, constituindo-se como cena primária de cuidado psicanalítico.

Para ampliar a compreensão da prática extensionista, também foi considerado o espaço dos encontros ocorridos num campo de saúde pertencente a uma organização hospitalar. As pessoas poderiam ser abordadas na sala de orientação do BLH e em uma das salas de espera. O espaço físico interliga e recebe tanto as pessoas que chegam de fora do hospital como as que já estavam em alguma outra ala interna.

As mulheres advindas da ala hospitalar interna, a UTIN, eram silenciosas, cabisbaixas, com expressões de tristeza e falavam o que lhes era possível a cada encontro com as extensionistas. O falar lhes era pesaroso, pois a busca por palavras para explicitar as intensidades vividas, em muitos momentos, exigia-lhes recursos psíquicos pouco disponíveis. Também as que conseguiam compartilhar do vivido, logo pediam desculpa, explicando que mais tempo com a extensionista era menos tempo com o bebê ou perto dele. O BLH não se situa próximo da UTIN. Essas mulheres não ficavam em tempo integral com os filhos, mas, a maior parte do tempo, no corredor próximo da entrada da UTIN. Em relação aos homens abordados, estes interagiam menos e/ou evitavam o contato, até mesmo visual, utilizando recursos, tal como o telefone celular, para nem sequer olhar para as extensionistas. Poucos aceitaram a abordagem para contar acerca das próprias vivências nos cuidados com o bebê e a mulher. As falas deles continham poucas informações sobre a efetividade de suas participações nos processos que envolviam os cuidados necessários aos processos de parentalidade e amamentação.

O ambiente do BLH, no campo hospitalar, não possui as características de um espaço de atendimento clínico, tal como um *setting*⁷ analítico. Para as extensionistas, estar numa instituição de saúde favoreceu a descoberta de uma interconexão entre lugares de cuidado: o hospital, o BLH e o encontro com cada pessoa abordada. O lugar da abordagem, mais que físico e delimitado, teve que ser inaugurado dentro de cada extensionista, a partir dos recursos psíquicos mobilizados a serem utilizados em cada escuta e em cada abordagem (Moretto, 2017).

Resgata-se em Winnicott (1999) a relevância do ambiente como organizador e interventor na relação pais-bebê que, nos casos dessa extensão, encontravam-se em início de vinculação. Dessa forma, nos casos das mulheres cujos bebês estavam na UTIN, o ambiente-hospital interpõe-se inesperadamente nos vínculos em construção e no

⁷ O *setting* é “conceituado como a soma de todos os procedimentos que organizam, normatizam e possibilitam o processo psicanalítico” (Zimmerman, 1999, p. 361).

desenvolvimento do pequeno indivíduo, amparando-o no vir-a-ser (Araújo, 2007). O ambiente hospitalar, ao desempenhar, temporariamente, o papel de ambiente facilitador⁸, permite o desenvolvimento não apenas fisiológico, como também dos processos maturacionais emocionais do bebê. Essa importância é ampliada ao considerar a total dependência (Winnicott, 1999) do ambiente em que o bebê se encontra inicialmente, casos de UTIN, especialmente em situações de maior fragilidade e imaturidade próprias do momento de desenvolvimento do bebê, e, ao mesmo tempo, a dependência das pessoas cuidadoras sensibilizadas, nesse caso, as mulheres abordadas e em puerpério. Já nomeada por Winnicott (2021), essa sensibilidade ampliada, quando encontra-se com um ambiente acolhedor, tem um fim bastante útil para a pessoa cuja tarefa é o cuidado mais adequado às necessidades do bebê e, depois, de si. No entanto, caso o ambiente hospitalar, que inclui também as extensionistas, não ofereça uma adaptação sensível nem aos bebês e nem às mulheres, a maioria das pessoas abordadas, são produzidas interferências prejudiciais nessas relações iniciais (Winnicott, 1999).

Dado o estado de vulnerabilidade do bebê e das figuras cuidadoras encontradas no ambiente hospitalar, as quais também tinham de lidar com as quebras de expectativas da chegada do bebê não como fora sonhada, ressalta-se a importância do cuidado da equipe profissional em oferecer, além do cuidado físico, o acolhimento atencioso e sensível durante os atendimentos. Aiello-Vaisberg e Tachibana (2008) destacam que o ambiente hospitalar suficientemente bom deve ser capaz de sustentar os complexos afetos de famílias fragilizadas e promover um amparo acolhedor e muito necessário. Logo, a questão, entremeada pelas defesas psíquicas da equipe, pelas capacidades egoicas de lidar com o desconforto, pelo ritmo frenético do cotidiano hospitalar e pela prática por vezes técnico/operacional do saber médico, deve ser ampliada para que o cuidado não se restrinja a uma interação distante e fragmentada.

A prática extensionista também permitiu acompanhar os resultados diretos da escuta sensível realizada pelas profissionais do BLH, ao evidenciar as diferenças na forma como a orientação acerca do aleitamento humano era conduzida, com ou sem a presença das extensionistas. Essa solicitação das profissionais do BLH possibilitou relacionar a importância do ser sensível nas instituições de saúde e a relação pais-bebê (Winnicott, 1999), bem como com os profissionais ao entender que eles também são foco do presente trabalho quando se está no campo da saúde (Moretto, 2017).

⁸ O ambiente facilitador, em diálogo com Winnicott (1999), é aquele que oferece recursos naturais e interacionais ao bebê para que este potencialize-se de acordo com o padrão hereditário dele, desenvolvendo-se no campo maturacional e emocional de forma saudável.

Outro aspecto que a prática extensionista contribuiu na formação acadêmica depreendeu-se das falas nas quais o sofrimento das mulheres e das famílias delas estava relacionado aos laços com a cultura e a força imperiosa da romantização da maternidade, a qual dita o que é ser mãe e como deve ser a maternidade, ao suavizar ou tornar agradável algo que nem sempre é assim. Mulheres em amamentação e aprendendo a cuidar dos próprios bebês mostravam-se inseguras de suas condições quando contrastavam com as diferenças por elas percebidas nas falas de outras mulheres, na mídia, nas redes sociais, gerando um abismo entre o que viam, escutavam e viviam com seus bebês, parceiros e familiares. Para César, Loures e Andrade (2019, p. 70), na contemporaneidade, em que as mulheres já estão inseridas no mercado de trabalho e ainda são responsáveis pelas tarefas domésticas, “há um contradiscurso, segundo o qual a mulher deve ser boa em tudo, sem abrir mão de nada”. Outra forma de romantização é a exigência de que as mães sejam perfeitas, felizes e realizadas (Hahn, 2022). Segundo Halasi (2018, p. 63), muitas mulheres vivenciavam a chamada “maternidade da culpa”, na qual, ao tentarem dar conta de tudo, ocupam um limbo social e emocional:

A maternidade da culpa é vivida em cada etapa da decisão, seja enquanto uma escolha, enquanto uma questão financeira, enquanto um parto, uma amamentação, uma doação possível, enfim, enquanto espaços que podem ou não ser abertos.

Entende-se que reprimir esses sentimentos as adocece ainda mais (César; Loures; Andrade, 2019). A escuta sensível pode auxiliá-las a lidar com medos, dar sentido ao que é sentido e as afeta na relação com elas mesmas, com os filhos, parceiro e família.

Por isso, compreende-se que a oferta de uma escuta sensível deve voltar-se para os aspectos intersubjetivos (Carvalho, 2020). Deve-se ouvir os aspectos sociais, políticos, de classe e raça que constituem a experiência da parentalidade e da amamentação. Este fato se apresenta como uma constatação proveniente da extensão, pois, na medida em que são relacionados o conceito de “mãe suficientemente boa”, de Winnicott, e as reflexões de Donath (2017) acerca da maternidade como um projeto público e, também, político (Iaconelli, 2023), observa-se uma tensão entre as expectativas sociais e os aspectos instintivos atribuídos às mulheres.

Donath (2017) também enfatiza que a maternidade não é apenas um projeto privado, mas um projeto que é constantemente público e sujeito aos padrões sociais: mulheres são

constantemente observadas e pressionadas em suas capacidades de se enquadrarem em ideias de maternidade e feminilidade, sendo julgadas com base nesses padrões. Assim, a ideia de uma “mãe suficientemente boa” ganha ainda mais relevância, pois ressalta a importância de uma mãe que se adapta às necessidades do bebê de maneira ativa, mas também que reconhece os próprios limites e evita o peso das expectativas sociais. Isso se mostrou nessa prática extensionista: a presença em um ambiente de constante interação com profissionais, família, conhecidos e até estranhos nas decisões a serem tomadas e nas incertezas em relação ao futuro do bebê é ampliada.

De acordo com a literatura (Baseggio *et al.*, 2017; Montagner *et al.*, 2021; Montagner; Arenales; Rodrigues, 2022), as mulheres, as cuidadoras, em maior número na sociedade, além de precisarem equilibrar as demandas emocionais, afetivas e práticas da maternidade, podem sentir uma pressão adicional para demonstrar força e capacidade de lidar situações de forma exemplar. Diante disso, a conexão entre as reflexões da literatura, as observações e as práticas extensionistas nos possibilitou compreender a maternidade diferente de um processo natural e universal, mas como um processo heterogêneo, com múltiplos determinantes. Reconhecer o papel da mãe como uma figura “suficientemente boa” (Winnicott, 1999) envolve considerar tanto as responsabilidades dela no cuidado do bebê quanto a necessidade de se entender a maternidade como um projeto público e, portanto, vulnerável às normas sociais, constituída por afetos que devem ser cuidados e elaborados de forma respeitosa.

Fortalecer o acolhimento ofertado no BLH como algo que proporciona um ambiente suficientemente bom – espaço sustentador das angústias e dos afetos diversos que podem surgir em mães, pais e responsáveis que aguardam a saída de seus bebês da UTIN e/ou buscam orientações – promove a facilitação do desenvolvimento das conexões mãe/pai-bebê de modo mais satisfatório e confortável para todos os envolvidos. Assim, para as extensionistas, diversas elaborações emergiram neste campo, contribuindo para a formação delas, na interação com as particularidades de cada mãe, pai e acompanhante, influenciadas igualmente pelas práticas da equipe técnica e pelos paradigmas sociais contemporâneos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As extensionistas, por meio do projeto, tiveram experiências únicas. Os encontros com o público do BLH instigaram leituras questionadoras de textos psicanalíticos voltados à temática. Participar do ambiente do BLH foi extremamente potente para que pudessem transformar em prática os conhecimentos teóricos que vinham somando em diferentes

disciplinas do curso de graduação. Em um espaço multiprofissional, as trocas com profissionais de outras áreas, atuando na área da saúde pública, favoreceram a aprendizagem e fizeram com que as extensionistas desenvolvessem um acesso mais constante à prática do cuidado, fortalecendo as confiança em levá-las para outros espaços, encontros e relações. Nesse contexto, desafios apareceram no caminho, relacionados à insegurança enfrentada pelas discentes em se situarem nesse campo com um novo papel, de modo que o espaço de orientação semanal favoreceu ao acolher e auxiliar na construção de sentidos para cada extensionista ao longo do percurso.

As limitações nesse projeto foram marcadas pela recusa de poucas pessoas convidadas a falarem acerca das próprias experiências com a maternidade/paternidade e a amamentação, bem como o fluxo de solicitações de atendimento no turno de cada extensionista. Outra limitação encontrada no período inicial do projeto que foi gradualmente sendo transformada em potencialidade versa sobre a percepção de que a equipe técnica do local mostrou uma certa insegurança em lidar com as angústias e os temores das famílias em situação inesperada e frágil. Assim, as extensionistas, ao escutarem a fala da equipe técnica, puderam também auxiliá-la com conhecimentos, cujas formações pouco ou nada lhe ofertou, a fim de que não paralisasse e sustentasse uma orientação cuidada e sensível.

Além disso, é igualmente importante ressaltar o potencial de replicação do projeto em outras instituições de saúde, pois a iniciativa está acontecendo também em outro campo, um hospital odontológico. O suporte emocional oferecido às mães, aos pais e acompanhantes pode ser adaptado e implementado em diferentes contextos de cuidados de saúde – hospitais, maternidades, centros de referência em amamentação, unidades de terapia intensiva neonatal e clínicas especializadas têm a oportunidade de adaptação de acordo com suas necessidades e recursos disponíveis.

Portanto, as extensionistas, sustentadas pela teoria e pelas técnicas de inspiração psicanalíticas, promoveram um ambiente acolhedor e de apoio no BLH, fortalecendo os laços afetivos e promovendo o bem-estar emocional, contribuindo para o aprimoramento do cuidado com as mães, os pais e bebês no contexto hospitalar. As aproximações colaboraram para auxiliar no enfrentamento das dificuldades na amamentação, expectativas, angústias e frustrações que podiam transbordar por meio das falas, e eram recebidas pelas escutas sensíveis, o que evidencia o potencial transformador do cuidado no campo da saúde. Na arte delicada de escuta, reside um dos poderes da transformação social.

REFERÊNCIAS

- AIELLO-VAISBERG, T. M. J.; TACHIBANA, M. O ambiente hospitalar suficientemente bom: sustentação da preocupação materna primária. *In*: LANGE, E. S. N. (org.). **Contribuições à psicologia hospitalar: desafios e paradigmas**. São Paulo: Vetor, 2008. p. 145-162.
- ARAÚJO, C. A. S. D. **Uma abordagem teórica e clínica do ambiente a partir de Winnicott**. 2007. Tese (Doutorado em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007. Disponível em: <https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/15641>. Acesso em: 9 jun. 2023.
- BADINTER, E. **Um amor conquistado: o mito do amor materno**. Tradução de Waltersin Dutra. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- BASEGGIO, D. B. *et al.* Vivências de mães e bebês prematuros durante a internação neonatal. **Trends in Psychology**, Ribeirão Preto, v. 25, n. 1, p. 153-167, 2017. DOI 10.9788/TP2017.1-10. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/5137/513754916010/html/>. Acesso em: 9 jun. 2023.
- CAMPANA, N. T. C.; SANTOS, C. V. M.; GOMES, I. C. De quem é a preocupação primária? A teoria winnicottiana e o cuidado parental na contemporaneidade. **Psicologia Clínica**, Rio de Janeiro, v. 31, n. 1, p. 32-53, 2019. DOI 10.33208/PC1980-5438v0031n01A02. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652019000100003&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 30 jan. 2024.
- CARVALHO, H. B. **Maternidade, ambiente e psicanálise: um estudo dos atravessamentos culturais na maternidade contemporânea**. 2021. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade de Brasília, Brasília, 2020. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/41032>. Acesso em: 9 jun. 2023.
- CARVALHO, L. S.; PEREIRA, C. M. C. As reações psicológicas dos pais frente à hospitalização do bebê prematuro na UTI neonatal. **Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Hospitalar**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 2, p. 101-122, 2017. Disponível em: <https://revistasbph.emnuvens.com.br/revista/article/view/256/251>. Acesso em: 9 jun. 2023.
- CÉSAR, R. C. B.; LOURES, A. F.; ANDRADE, B. B. S. A romantização da maternidade e a culpabilização da mulher. **Mosaico**, Vassouras, v. 2, n. 2, p. 68-75, 2019. DOI 10.21727/rm.v10i2Sup.1956. Disponível em: <http://editora.universidadedevassouras.edu.br/index.php/RM/article/view/1956>. Acesso em: 9 jun. 2023.
- DONATH, O. **Mães arrependidas: uma outra visão da maternidade**. Tradução de Marina Vargas. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.
- GADOTTI, M. **Extensão universitária: para quê?**. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2017. Disponível em: https://www.paulofreire.org/images/pdfs/Extens%C3%A3o_Universit%C3%A1ria_-_Moacir_Gadotti_fevereiro_2017.pdf. Acesso em: 30 jan. 2024.

HAHN, C. N. G. **Impacto da idealização da maternidade no psiquismo da mulher: uma perspectiva psicanalítica.** 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) – Universidade do Sul de Santa Catarina, Tubarão, 2022. Disponível em: <https://repositorio.animaeducacao.com.br/handle/ANIMA/30340>. Acesso em: 9 jun. 2023.

HALASI, F. S. **A mulher brasileira contemporânea e a maternidade da culpa.** 2018. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2018. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/21668>. Acesso em: 9 jun. 2023.

HERRMANN, F. **O que é psicanálise: para iniciantes ou não...** 14. ed. São Paulo: Blucher, 2015.

IACONELLI, V. **Manifesto antimaternalista: psicanálise e políticas da reprodução.** Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

MONTAGNER, C. D.; ARENALES, N. G.; RODRIGUES, O. M. P. R. Mães de bebês em UTIN: rede de apoio e estratégias de enfrentamento. **Fractal: Revista de Psicologia**, Niterói, v. 34, e28423, 2022. DOI 10.22409/1984-0292/2022/v34/28423. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/fractal/article/view/28423>. Acesso em: 9 jun. 2023.

MONTAGNER, C. D. *et al.* Saúde emocional e sentimentos de mães de bebês em UTIN. **Mudanças**, São Bernardo do Campo, v. 29, n. 2, 2021. DOI 10.15603/2176-1019/mud.v29n2p1-9. Disponível em: <https://revistas.metodista.br/index.php/mudancas/article/view/632>. Acesso em: 9 jun. 2023.

MORETTO, M. L. A presença do pensamento freudiano no campo da saúde. *In*: KEHL, M. R. *et al.* (org.). **Por que Freud hoje?** São Paulo: Zagodoni, 2017. p. 191-213.

NAIDON, A. M. *et al.* Gestação, parto, nascimento e internação de recém-nascidos em terapia intensiva neonatal: relato de mães. **Texto & Contexto Enfermagem**, Florianópolis, v. 27, n. 2, 2018. DOI 10.1590/0104-070720180005750016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tce/a/rzz6T4SY7B73g45Nwqyxt7B/?lang=pt>. Acesso em: 30 jan. 2024.

SANTOS, J. H. S.; ROCHA, B. F.; PASSAGLIO, K. T. Extensão universitária e formação no ensino superior. **Revista Brasileira de Extensão Universitária**, Chapecó, v. 7, n. 1, p. 23-28, 2016. DOI 10.36661/2358-0399.2016v7i1.3087. Disponível em: <https://periodicos.uffs.edu.br/index.php/RBEU/article/view/3087>. Acesso em: 30 jan. 2024.

WINNICOTT, D. W. **Os bebês e suas mães.** Tradução de Jeferson L. Camargo. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

WINNICOTT, D. W. **O brincar e a realidade.** Tradução de José Octávio de Aguiar Abreu e Vanede Nobre. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

WINNICOTT, D. W. **Da pediatria à psicanálise.** Tradução de Davy Bogomolezt. 2. ed. São Paulo: Ubu, 2021.

ZIMERMAN, D. E. **Fundamentos psicanalíticos: teoria, técnica e clínica.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

Submetido em 25 de março de 2024.
Aprovado em 18 de julho de 2024.